

**Sotaque americano/britânico no Brasil:
fetiche bovarista**

*American/British accent in Brazil:
bovarist fetish*

Renan Kenji Sales Hayashi
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo: O presente artigo versa sobre uma articulação entre Linguística Aplicada e Psicanálise para problematização das noções de pronúncia e sotaque em língua inglesa por falantes de língua portuguesa do Brasil. Em nossa leitura, a ideia amplamente difundida de ‘pronúncia perfeita’ em inglês pode adquirir o estatuto de objeto-desejo, dentro das relações de fetichismo do sujeito psicanalítico. Dessa forma, procuramos analisar, por meio de *corpus* retirado dos ambientes digitais, como as representações sobre produção oral em inglês podem interferir nas práticas de ensino-aprendizagem da língua, sendo problematizadas pelo espectro da psicanálise freudo-lacanianiana. Resultados apontam para a constituição da relação fetichista implicando necessariamente três dimensões: língua estrangeira, objeto-desejo e estereótipos culturais.

Palavras-chave: Fonética; Linguística Aplicada; Psicanálise; Fetiche; Inglês

Abstract: This article carries out an articulation between Applied Linguistics and Psychoanalysis to problematize the notions of pronunciation and accent in English by Brazilian Portuguese speakers. The widespread idea of 'perfect pronunciation' in English can acquire the status of object-desire, within the fetish relations of the psychoanalytic subject. Thus, we seek to analyze through a *corpus* taken from digital settings how the representations about oral production in English can interfere in the teaching-learning practices, being problematized by the Freudo-Lacanian psychoanalysis spectrum. Results point to the constitution of the fetishist relationship, necessarily implying three dimensions: foreign language, object-desire and cultural stereotypes.

Keywords: Phonetics; Applied Linguistics; Psychoanalysis; Fetish; English language



1 Introdução

Mas você fala inglês britânico ou americano? Esta pergunta que, para alguns parece absurda e datada, continua a circular como uma questão absolutamente justa entre muitos aprendizes e professores de inglês como língua estrangeira. Tão justa que dá sustentação a um imaginário social sobre a língua inglesa, o qual aprisiona as manifestações de produção da língua oral oscilando entre os extremos do que se considera ‘britânico’ e daquilo tipicamente ‘americano’,¹ planificando as diferenças constitutivamente culturais de outros povos que se utilizam do inglês corriqueiramente.

Uma investida mais criteriosa sobre essa questão dos ‘sotaques’ britânico e americano revela a existência da construção de um paradigma social que destaca as nações dos Estados Unidos da América e da Inglaterra – e não a Grã-Bretanha como um todo – como os índices especulares de produção da língua inglesa e modelos a ser não somente estudados, mas também admirados, espelhados, mimetizados, docilizados e, em última instância, fetichizados culturalmente. Exploraremos com mais rigor a noção de fetiche, a partir dos estudos psicanalíticos freudo-lacanianos, nas subseções seguintes. Entretanto, por ora, o que é dito de nota, neste gesto introdutório, é o papel que as *representações culturais* desempenham nesse processo de instituição dos EUA e da Inglaterra como as mecas da produção, dita correta e exemplar, da língua inglesa.

Destacamos que voltaremos nosso olhar para essas representações e seus modos de funcionamento, uma vez que acreditamos que são estas representações que colocam em rota nossas percepções e atitudes como professores e aprendizes de língua inglesa, durante nossas práticas de ensino-aprendizagem na contemporaneidade. Para fins de recorte teórico-metodológico, direcionamo-nos para os modos de constituição de tais representações em ambientes digitais, em especial, aqueles que se destinam a ensinar a língua inglesa por meio de ferramentas interativas virtuais, como vídeos, sites, aplicativos e plataformas de chamadas de voz e vídeo de interação coletiva.

¹ Necessário dizer que, neste artigo, quando mencionado o adjetivo “americano” estamos nos referindo ao uso difundido – e, por vezes, impreciso – do adjetivo pátrio para designar pessoas provenientes do país Estados Unidos da América. Do mesmo modo, ao falar em ‘britânico’ nos referimos aos cidadãos de nacionalidade inglesa, mais precisamente da capital londrina. Portanto, ecoamos neste manuscrito o uso desses vocábulos ecoando o imaginário difundido e persistente que ronda as práticas de ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira no Brasil.

Ao nosso ver, esses ambientes digitais reúnem não somente uma grande quantidade de usuários ao redor do mundo, com destaque especial ao Brasil – contexto de análise adotado por este manuscrito – como também condensam uma infinidade de produções de registros culturais motivados exatamente pelas possibilidades de interação entre pessoas de diferentes proveniências culturais. À vista disso, essa profusão de interações, em nossa leitura, coloca em movimento as representações culturais que se guardam a respeito não somente do inglês e das práticas sociais de uso da língua, como também tenciona a maneira que cada aprendiz se localiza e se identifica nesse processo de aprendizagem e inscrição na cultura do outro. Essa é a razão pela qual os ambientes digitais nos chama(ra)m tanta atenção nesse processo de investigação da nossas relações com a língua e a cultura dos países anglófonos.

Nos ambientes digitais, sejam plataformas de streaming e de vídeos gravados – como é o *Youtube* – sejam em *blogs* e páginas pessoais de veiculação de conteúdo, vemos com frequência – quase incômoda – referências diretas aos processos de apropriação de articulação de sons do inglês – sem o devido rigor que exige a área de Fonética e Fonologia da respectiva língua. Para esses casos, vê-se com incidência ainda maior a referência direta às formas de articulação dos sons a partir de registros encontrados em uma parte restrita dos EUA e também da capital londrina, sendo estes pontos bem monitorados e institucionalizados para fins didáticos. O que se aventa aqui é a seleção bastante parcial de umas poucas formas higienizadas de articulação sonora da língua inglesa como parâmetros estanques para aprendizagem. A eleição destas formas como maneiras padrões de conceber não somente a utilização apropriada da língua inglesa, como também o ensino-aprendizagem do idioma, imprimem efeitos de sentido de que qualquer manifestação fora desse espectro bem monitorado de produção oral é tido como inadequado e, mais notadamente, errado e condenável, em oposição a um dito ‘correto’.

Bem verdade que essa parametrização não é privilégio da língua inglesa. Vê-se, com impressionante frequência nos ambientes digitais, indicações de certas práticas de pronúncia para produção oral da língua espanhola como um ‘legítimo’ matritense. Há também vídeos e exercícios virtuais para mimetização aproximada dos sons oclusivos e das vogais orais altas do francês, semelhante ao que produz um parisiense ‘nativo’. No entanto, no que diz respeito especificamente ao inglês, esse fenômeno parece ser de uma outra ordem. Não somente pela altíssima frequência com que se identifica essa

necessidade de mimetização das formas creditadas aos falantes de certas regiões do EUA e da Inglaterra, como também a partir da intensa demanda subjetiva que isso traz ao aprendiz. Existe todo um imaginário construído por trás da língua inglesa, sentenciando este idioma como a forma reconhecidamente chancelada com a etiqueta da *língua franca*, ou seja, a língua que circula não só livremente, como também pode servir de possibilidade de livre comunicação entre falantes de outras línguas, grosso modo.

Nos distanciamos dessa concepção por acreditar que classificar a língua inglesa como um espaço de livre trânsito – isento de conflitos – entre diferentes línguas e culturas com o intuito da comunicação é, em última análise, empreender um gesto de apagamento das diferenças. Se os indianos devem aprender inglês para lidar com a matemática avançada e produção local de tecnologia da informação; se os pilotos de avião alemães devem aprender inglês para planejar rotas de voo e se comunicar com as torres de controle dos mais diversos países; se os jovens brasileiros desejam aprender inglês para jogar videogame on-line com pessoas do mundo inteiro, por que ainda devem acreditar que, ao aprender inglês, devem necessariamente produzir a *língua* do ‘americano’ ou do ‘britânico’?

No bojo dessa discussão, vemos que essa profusão de culturas que se encontram usando a língua inglesa é, muitas vezes, mitigada exatamente por essa tentativa de planificar as diferenças de indianos, alemães, brasileiros – só para citar os casos acima relatados – no contato-confronto (BERTOLDO, 2003) com a língua inglesa, sendo a pronúncia um dos índices dessa mitigação. Nesse sentido, empreendemos neste manuscrito uma investigação – ainda que breve – sobre formas nas quais esse índice da pronúncia ‘americana’ ou ‘britânica’ se mostra como um elemento que planifica as diferenças, reproduz e sustenta sistematicamente *representações culturais* sobre formas de produção da língua oral, em que a dualidade americano/britânico é a tônica das práticas de ensino-aprendizagem. Para tanto, pelos motivos já expostos, buscamos nos ambientes virtuais um campo de pesquisa que pudesse apontar como essas representações estão sendo veiculadas e de que forma isso se liga com as formas de aprender e ensinar inglês na atualidade brasileira.

Dito de outra forma, o que nos interessa aqui são como as representações culturais sobre formas de produção oral da língua inglesa emergem nesses ambientes virtuais analisados e como tais representações podem legitimar certas práticas de ensino-

aprendizagem que sustentem o construto dual de ‘pronúncia correta’ e ‘ausência de sotaque’ pautados naquilo que se considera o ‘falar americano’ e o ‘falar britânico’. Com efeito, para levar a cabo esse objetivo, vamos nos ater a duas perguntas de pesquisa, que nos ajudarão não somente a seccionar o *corpus* de análise, bem como direcionar nosso olhar investigativo. A saber: a) quais são as representações sobre pronúncia/sotaque que emergem dos dizeres nos materiais analisados?; e b) de que formas essas representações podem contribuir para a legitimação da ideia de pronúncia correta/incorreta em inglês como língua estrangeira (LE)?

À vista disso, para conduzir essa proposta, abordaremos a questão a partir de um prisma privilegiado que articula alguns campos do saber de forma in(ter)disciplinar. Em primeiro lugar, ressalta-se a veia pujante da Linguística Aplicada (doravante LA), mais notadamente, aquela que se volta para o ensino de línguas estrangeiras. Vemos em Rajagopalan (2006) e Moita Lopes (2006) a possibilidade de pensar no ensino de línguas estrangeiras não somente pelo viés formal, mas, sobretudo, por seu caráter aplicado, engajado, político, indisciplinar e, potencialmente, transgressivo. Circunscritos à essa dimensão produtiva e, ao mesmo tempo, problematizadora da LA, nos filiamos aos estudos de Coracini (2003; 2007) e Moraes (2016) para a articulação – nem sempre pacífica – entre o campo aplicado da LA e da psicanálise freudo-lacanianana.

Dizemos que essa articulação nem sempre é pacífica, pois temos consciência dos pontos de divergência que existem entre esses campos de saber, especialmente no que tange às noções de língua(gem), sujeito, cultura e relação com os significantes. Contudo, entendemos que é exatamente do embate – sem intenção de planificar as divergências – é que a produção de novas formas de olhar e conceber as pesquisas podem surgir. Esta investigação se arrisca a empreender uma destas.

De tal forma, começaremos explorando aspectos mais teóricos da presente investigação, salientando os pontos de destaque do pensamento de Freud e de Lacan que estarão presentes em nossa análise de *corpus*. Demos relevo, sobretudo, ao conceito prenehe nesta pesquisa, qual seja: o fetichismo. Faremos uma incursão nas obras dos autores supracitados, a fim de reconhecer nessa articulação a possibilidade de leitura do sotaque em inglês como um *objeto* – em termos psicanalíticos – e seu provável efeito nas relações de fetichização da pronúncia em língua inglesa. Em seguida, destacaremos proposições que destacam os efeitos culturais do ensino da língua-cultura inglesa no

mundo, em especial, no Brasil, nosso contexto de análise. Propomos, seguidamente, um capítulo com notas metodológicas sobre a presente investigação. Posteriormente, apresentamos nossos resultados de análise a partir da materialidade linguística coletada nos ambientes virtuais, salientando o papel das representações culturais nas práticas de ensino de inglês. Por fim, propomos breves considerações do que apresentamos nesse manuscrito, sem, contudo, ter intenção de encerrar as discussões sobre a temática.

2 Fetichismo e bovarismo: a paixão em ser o outro

Uma primeira visada sobre fetichismo, pela via do senso comum, localiza, comumente, esse construto nas tramas dos excessos libidinais e do exercício da sexualidade humana pela via dissidente. Contudo, a partir de um estudo mais detido dos escritos de Freud e Lacan, psicanalistas que se debruçaram na elaboração dessa dimensão, poderemos compreender como as fronteiras do *fetiche* estão para além do que se acredita a respeito da ideia de roupas de couro e práticas sexuais singulares. Etimologicamente, como assevera Lacan ([1956-1957] 1995), *fetiche* tem sua raiz latina ancorada em *facticius*, que aponta para os sentidos de “feito por arte, artificial”. Bem por isso, essa etimologia explica a proximidade, em português do Brasil, dos vocábulos *feitiço* e *fetiche*, conforme apontou Lacan no seminário 04 – *Relação de Objeto* –, “[...] ambos se referem a *factiso* em português, de onde historicamente a palavra ‘feitiço’ (*fetiche*) nasceu, e que nada mais é que o termo *factício* (LACAN [1956-1957] 1995, p. 172, *grifos do autor*).

Com efeito, a partir desse índice semântico ligado ao feitiço, vemos que a natureza da construção teórica do fetiche passa, necessariamente, pela ideia que deu início à circulação desse termo em escritos filosóficos ainda no século XIX. Certamente estamos falando da proposição de Karl Marx (1818-1883), na obra *O Capital* (1867), quando o filósofo alemão escreve sobre “O fetichismo da mercadoria e seu segredo” (MARX, [1867] 2005). O ponto central esmiuçado por Marx traz à baila as complexas relações de produção e valor da mercadoria, tendo a exploração do trabalho e as produções artesanal e industrial como o pano de fundo para questionar as relações de pertencimento e identificação junto ao produto final. A produção industrial, com a frequente divisão social do trabalho e uso crescente de maquinário, questiona a força de trabalho empregue pelo trabalhador. À vista disso, muitas vezes, o trabalhador não consegue se reconhecer na

riqueza gerada a partir de seu trabalho. Sem dominar as etapas de produção da mercadoria, tampouco os meios de produção, a impressão latente é de que a mercadoria surge a partir de um processo alheio à força de trabalho humano, quase como por *fetiço*, tendo seu valor de troca e venda dissociados de todo o processo de produção.

Dessa forma, Marx classifica este complexo processo de “fetichismo da mercadoria”, destacando que “[...] os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo isto de fetichismo” (MARX [1867] 2005, p. 81).

Freud, por seu turno, anos mais tarde, trata da temática do fetichismo a partir de um viés que se inaugura concomitante com o nascimento da psicanálise como campo de saber na Europa burguesa dos séculos XVII e XVIII. No texto seminal *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, [1905] 2016), Freud sistematiza o funcionamento do fetichismo com estreita conexão com a teoria da sexualidade, pulsões sexuais e mecanismos psíquicos de perversão. É digno de nota que os autores – Marx e Freud – pensam as noções de *fetice* de maneiras muito particulares, pois os vieses epistemológicos são absolutamente distintos. Contudo, para compreender a proposição do austríaco, faz-se necessária uma incursão no texto do alemão que, por limitação de espaço, tivemos de ser breves. Contudo, o ponto principal que se delineia em Freud é a articulação imprescindível entre o fetichismo e a noção de *objeto*². Freud ([1905] 2016) pontua que o fetichismo se delineia a partir de “[...] casos em que o objeto sexual normal é substituído por outro que guarda relação com ele, mas é totalmente inapropriado para servir à meta sexual normal” (FREUD, [1905] 2016, p. 45). Com efeito, continua o psicanalista austríaco, “[...] o substituto do objeto sexual é uma parte do corpo geralmente pouco apropriada para fins sexuais (como o pé, o cabelo), ou um objeto inanimado que se acha em relação evidente com a pessoa sexual, ou melhor, com a sexualidade desta” (FREUD, [1905] 2016, p. 45-46).

Portanto, o esquema freudiano pontua a noção de fetichismo dentro da dinâmica das relações com o objeto e sua articulação com a meta sexual. Esse esquema é revisitado a partir da leitura de Lacan sobre o assunto. Lacan não se furta em compreender que a

² Por oportuno, destaca-se que *objeto* na psicanálise freudiana não significa necessariamente um artefato físico. *Objeto*, especialmente este da dimensão do fetiche, grosso modo, está ligado à *representação* do objeto no aparelho psíquico.

dimensão fetichista é, sobretudo, uma estrutura clínica, sendo, portanto, rastreável no fio do discurso do sujeito em situação de análise. Nas palavras de Lacan, “[o] fetiche, nos diz a análise, é um símbolo. Nesse sentido, ele é quase colocado de saída, em pé de igualdade com qualquer outro sintoma neurótico” (LACAN, [1956-1957] 1995, p. 157). Apesar de não estarmos em uma situação clínica – em realidade, estamos bem longe dela – neste manuscrito, nosso intento é articular feixes epistemológicos entre áreas relativamente díspares com vistas a esboçar estudos sobre modos de ação e produção de saberes que dizem respeito a vida contemporânea. Não estamos querendo pacificar as áreas, ou propor alinhamentos perfeitos. Ao contrário, é precisamente por conta do embate epistemológico, que o olhar do pesquisador deve incidir, identificando pontos de convergência, bem como pontos de dispersão. Em nossa leitura, o apelo incessante sobre a produção oral de aprendizes de língua inglesa, no Brasil, para o domínio muito próximo do que quer que seja um sotaque *americano* ou sotaque *britânico* pode se constituir um mecanismo de fetichização porque, como lembra Lacan, o “[...] que constitui o fetiche, o elemento simbólico que fixa o fetiche e o projeta sobre o véu, é retirado especialmente da dimensão histórica” (LACAN, ([1956-1957] 1995, p. 159). Não somente isso, incidimos e insistimos na questão da fala e do sotaque em língua inglesa como fetiche, pois conforme assevera Revuz (2001, p. 227, *grifos nossos*), “[q]uanto melhor se *fala* uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade de acolhida, e mais se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem”. Nesse sentido, as representações sobre *falar inglês* parecem, em maior ou menor grau, colidir com o destaque que se confere à variedade dialetal que se lança mão quando do uso da língua inglesa em situações sociais.

Além disso, se estivemos procurando articular estudos sobre ensino-aprendizagem de línguas e elementos da psicanálise foi, precisamente, para acompanhar a problematização que autores dos estudos culturais, como Homi Bhabha, fizeram ao pensar, por exemplo, a noção de estereótipo cultural e fetiche. Bhabha (1998), partindo do texto freudiano, sentencia que

[o] fetiche ou estereótipo dá acesso a uma "identidade" baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença a e recusa da mesma. Este conflito entre prazer/desprazer, dominação/defesa, conhecimento/recusa, ausência/presença, tem uma significação fundamental para o discurso colonial (BHABHA, 1998, p. 116).

Portanto, ao pensar essa ideia de fetiche pelo espectro do estereótipo, operamos nos mecanismos de fixação de *imagens e objetos*. Os estereótipos, conforme assevera Bhabha (1998, p. 117), são uma falsa representação de uma dada realidade, na medida em que são formas presas, fixas, as quais negam o jogo da diferença, instituindo, pois, um problema nas relações psíquicas e sociais. Segundo o que veremos adiante, a partir da análise da materialidade linguística, o *corpus* de pesquisa aponta exatamente para essa fixidez de estereótipo sobre o sotaque “americano” e “britânico”. Um registro higienizado e monitorado não é representado como uma *variedade*, ou uma *possibilidade*. Resultados de análise apontam para representações que planificam as diferenças, imprimindo efeitos de sentido atemporais, do tipo o sotaque americano *é assim*; o sotaque britânico *precisa ser repetido* dessa forma.

À vista disso, uma pergunta premente que, naturalmente, surge é: por que se busca tanto imitar o sotaque americano/britânico, a ponto de sua imagem estereotípica se configurar um mecanismo de fetiche? A resposta não é simples. Entretanto, quando analisamos com cuidado e minúcia, percebemos que a pronúncia da língua inglesa se coloca em cena precisamente porque o que está em jogo não é somente uma produção oral. É, sobretudo, o que dessa produção possibilita mecanismos de representação de si e do outro. Em outras palavras, o que o sujeito é para o outro representado e interpelado pela língua inglesa vazada de uma forma ou de outra. Sobre isso, Revuz (2001) é taxativa ao afirmar que “[...] aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (REVUZ, 2001, p. 227). Nesse sentido, a força simbólica que a língua inglesa carrega possibilita ao sujeito que tenta navegar por ela um potencial maior ou menor de tornar-se esse outro. Se a discussão caminha pela dualidade entre americano e britânico – como se verá adiante – é, notadamente, porque as imagens estereotípicas fixaram nas representações destes povos o *ideal de outro*, como o modelo *de outro* a se seguir. E, aprendendo inglês querendo ser o outro, o primeiro passo pode ser imitá-lo.

Imitam-se os costumes, hábitos alimentares, língua nacional e, sobretudo, aquilo que pode deixar mais patente o seu intento de tornar-se o outro: o sotaque. Kobayashi (2010) assevera que “[i]mitar é o desejo de se tornar outro, parecer com outra pessoa, frequentemente uma pessoa que nós admiramos. É imitar e reproduzir os gestos de um

ser com o quem nos identificamos voluntariamente³” (KOBAYASHI, 2010, p. 35, *tradução nossa*). Pensando em nosso contexto de pesquisa, o qual incide sobre o Brasil e o intento de aprender inglês como língua estrangeira, há ainda um outro fator crucial, que retoma necessariamente um aspecto muito singular de todos os brasileiros e brasileiras: nosso passado colonial. Esses intentos de imitar o outro e querer tornar-se o outro estão imbricados em relações muito complexas e em nossas difíceis conexões com a alteridade das potências europeias e norte-americanas. Tanto que essa complexa relação de outridade deu suporte a uma operação subjetiva que está bastante ligada à imitação: o bovarismo brasileiro (KEHL, 2018). O bovarismo tem por princípio “[...] o poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que é” (KEHL, 2018, p. 21). Tem clara inspiração na francesinha Emma Bovary, de Gustav Flaubert, que sendo ambiciosa, imaginativa e sonhadora, desejou de variadas formas *tornar-se uma outra* distanciando-se, pois, do destino que lhe fora conferido ao lado do medíocre médico Charles.

Para Kehl (2018), no Brasil, o bovarismo se estrutura como um expediente bem discernível com relação à nossa própria cultura. Bem verdade que, segundo a autora, o bovarismo se enraíza com mais força também em outros países em desenvolvimento e periféricos, precisamente porque estes não participaram em condições de igualdade dos processos de modernização e industrialização que incidiram sobre o continente europeu e sobre a América do Norte. Nas palavras da autora, “[n]as sociedades da periferia do capitalismo, que se modernizaram tomando como referência as revoluções industriais e burguesa europeias sem, no entanto, realizar nem uma nem outra, a relação com os ideais passa forçosamente pela fantasia de ‘tornar-se outro’” (KEHL, 2018, p. 30).

Todavia, no Brasil, como se verá na subseção de análise, nossos processos de emancipação e modernização inibiram nossos caminhos de busca de uma identidade nacional, ao não encontrar elementos que procurassem aplacar nossas contradições. Ao contrário, nossa dependência cultural e econômica dos países ricos reforça esse ideal de querer tornar-se um pouco o outro, intensificados pela estereotipação fetichista da língua inglesa falada pelo outro rico e do hemisfério norte. Com efeito, “[...] a forma predominante do bovarismo brasileiro consiste em nos tornarmos sempre por não brasileiros (portugueses no século XVIII, ingleses ou franceses no XIX, norte-americanos

³ No original: “*Imiter, c’est le desir de devenir autre, celui de ressembler à autrui, solvante une personne qu’on admire. C’est mimer et reproduire les gestes d’un être avec qui on s’identifie volontiers*” (KOBAYASHI, 2010, p. 35).

no XX) [...]” (KEHL, 2018, p. 31). No que tange à língua inglesa, sempre procura-se imitar o sotaque do ‘nativo’ e sua prosódia para um dia, quem sabe, se confundir com esse outro. Na análise da materialidade, expusemos o que do fio do discurso deixa entrever esse bovarismo brasileiro e os mecanismos de fetichização do outro e de sua língua.

Por todo exposto, nosso recorte teórico buscou articular a noção de fetiche da psicanálise freudo-laciana com a textura indisciplinar da Linguística Aplicada, sob o recorte do ensino-aprendizagem de inglês como LE no Brasil. Tendo o estereótipo cultural como a imagem especular, passaremos, a seguir, para uma passagem que saliente o percurso metodológico, a fim de, em seguida, apresentar nossos resultados de análise, observando a breve revisão de literatura ora empreendida. Vamos a ela.

3 Notas metodológicas

Para consecução da presente pesquisa, empreendemos um conjunto de ações que estão sintetizadas sob a rubrica destas “notas metodológicas”. De início, salientamos que nosso trabalho de análise vai se debruçar sobre a materialidade linguística, portanto, excertos extraídos do *corpus* investigado. Nosso *corpus* foi delimitado a partir de uma pesquisa mais detalhada sobre práticas de ensino-aprendizagem nos ambientes virtuais. Como é sabido, a língua inglesa tem tido uma atenção premente nesses ambientes, com ofertas e planos – às vezes inexecutáveis – de aprendizagem em determinado tempo, domínio efetivo para comunicação e, o que nos interessa particularmente, a eterna promessa de produzir língua oral semelhante a um americano ou a um britânico, aquilo que eles nomeiam como ‘nativos’. Nesse sentido, nosso olhar investigativo buscou nos ambientes digitais material que pudesse servir como instrumento de investigação, gerando materialidade linguística suficiente para uma análise de discurso centrada na Linguística Aplicada, mas com textura marcadamente psicanalítica.

Assim, encontramos em vídeos na plataforma virtual *Youtube* material robusto que sustentasse nosso intento de analisar as práticas de ensino de inglês. Fizemos o crivo observando os seguintes critérios: a) engajamento do vídeo – alcance de visualizações; b) autores que falassem a respeito das línguas inglesa e portuguesa tendo o viés da aprendizagem como o foco; c) dentro da aprendizagem, escolhemos aqueles que

salientassem material suficiente para trabalhar com a noção de sotaque/pronúncia em inglês; e d) aqueles que estivessem com autorização de veiculação isenta de direitos autorais de uso. Como se trata de uma plataforma hospedada em um site gratuito e de livre acesso, tomamos o cuidado de escolher apenas vídeos que pudessem representar material de análise sem infringir considerações de ética na pesquisa em ciências humanas. Dessa forma, chegamos ao final com três vídeos de três canais diferentes, os quais estão descritos abaixo. Para fins de sistematização, demos códigos para cada vídeo, os quais foram utilizados na seção de análise.

Tabela 01 – Canais consultados para composição de *corpus*

Código	Autor/Canal	Ano	Endereço
A1	<i>Londres na Lata</i>	2017	https://www.youtube.com/watch?v=Gyryja-bSNM
B2	<i>Mairo Vergara</i>	2019	https://www.youtube.com/watch?v=Eft3Cur-cxs
C3	<i>Gavin Roy</i>	2017	https://www.youtube.com/watch?v=C8f7PbQ6cc&t=1s

Fonte: elaborado pelo autor.

4 Sotaque em inglês como fetiche

Em todos os casos analisados, percebemos que, de início, a fala sempre aponta para uma modalização da importância de ter ou não sotaque em língua inglesa. Nos três vídeos, os autores acentuam a existência de sotaque de português do Brasil em inglês e que isso não deveria representar um problema. Contudo, vemos que essas colocações têm um certo tom cínico e são sempre contraditas pelo fio do discurso. No caso A1, cujo título sugestivo aponta “5 dicas para falar inglês britânico” indica um conjunto de ações que, segundo eles, pode modificar a produção oral do aprendiz de português e se assemelhar ao que eles dizem ser “inglês britânico”. As primeiras ações dizem respeito a ouvir músicas e assistir a filmes de origem inglesa, além de uso de aplicativos eletrônicos para estudo autônomo. Contudo, no que diz respeito à dita pronúncia britânica, uma das autoras do vídeo assevera a seguinte ação:

Excerto do caso A1: /agora/ não adianta nada/ se você seguir todas as dicas que a galera deu/ e não seguir a minha/ que é a repetição// pega palavra que você viu no seriado/ a palavra que você viu no filme/ a frase que você escutou na sua música/ ideia que você trocou os professor/ anota/ e fica repetindo /repetindo/ repetindo/ faz uma anotação no caderninho/ como a palavra soa pra você/ porque o sotaque britânico é diferente/ por exemplo/ water/ escreve como ela soa para você/ wa:::ter/ e não só wate:::r/ water/entendeu?/ a melhor técnica para juntar com todas as dicas que a galera deu/ é a técnica papagaio/ repete/repete/ repete/.

Segundo ela, a chave para aprender é ser */papagaio/*. Imperioso dizer que esse tipo de colocação, não por acaso, está sendo veiculada em um vídeo com dicas de aprendizagem de inglês. A repetição para aprendizagem foi – e ainda é – uma das técnicas de memorização de uma abordagem de ensino muito popular a partir dos anos 70, que teve seu auge nos Estados Unidos – mais precisamente, no contexto militar – para memorização célere de comandos automáticos em línguas estrangeiras, a chamada abordagem audiolingual. Contudo, o que se observa no excerto não é nem de longe o que se verificava na abordagem audiolingual como *método*. O que se vê é a passagem para a condição de */papagaio/*, cuja característica mais destacada é a repetição desenfreada. Não uma repetição localizada, instruída e parte de um método. Mas a obsessão pela repetição motivada pela forma como */a palavra soa para você/*.

A obsessão pela repetição aponta para o efeito de sentido de uma tentativa de alcance do que se considera */britânico/* a partir da mimetização. No dizer da autora, a representação britânica da língua oral está atrelada a um certo apelo compulsivo pela repetição. Freud ([1914] 2010) em seu texto *Recordar, repetir e elaborar*, aponta que a compulsão à repetição é um fenômeno de natureza clínica. O paciente, ao se recordar de episódios que foram recalçados, muitas vezes não consegue preencher as lacunas da memória e superar a resistência de experiências traumáticas. De tal forma, a matéria de que o recalque é feito retorna. No momento do retorno, o que se pode ver não é a reprodução como lembrança, mas como ação. O sujeito repete sucessivamente sem dar-se conta do que está repetindo. Nesse caso, Freud ([1914] 2010) sentencia a compulsão à repetição.

O que se vê no excerto acima é, de uma certa forma, a compulsão à repetição trazendo à tona o retorno do recalçado brasileiro. Quando a autora diz */o sotaque britânico é diferente/* vemos que o referente da comparação ficou eclipsado, pois algo que é “diferente” assim o é em relação a alguma outra coisa. E o que seria? Em relação ao inglês dito americano? Em relação ao português? Não saberemos. Contudo, o que fica destacado pelo fio do discurso é que essa diferença marca lugares de pertencimento. Ao soar diferente, o inglês britânico não cessa de mostrar para a autora que ela não pertence àquela comunidade, àquela língua, àquela identidade. Com efeito, as paixões bovaristas de querer ser o outro-inglês são colocadas à prova. Para resolver essa impossibilidade de

pertencer à língua do outro, só resta a ela repetir compulsivamente. Repetir inclusive o verbo que denomina esta ação, que é reiterado mais de seis vezes neste curto trecho.

Diante da impossibilidade de ser esse outro, cuja língua é *diferente*, a indicação é repetir e assumir uma outra forma, a de */papagaio/*. Papagaio parece repetir sem entender o que diz. Mas assim o faz conforme lhe ocorre. Parece-nos significativo notar que, em língua portuguesa do Brasil, quando dizemos que alguém é um */papagaio/*, os efeitos de sentido apontam para duas vias: a) um sujeito tagarela e linguarudo; ou b) papagaio *de pirata*: a inclusão do adjunto adnominal modifica o sentido trazendo à baila o significado de pessoas que tentam aparecer às custas de outras – na TV, por exemplo – ou de pessoas que repetem tudo o que outrem lhes diga. Ao nosso ver, não é fortuito o uso da expressão */papagaio/* dentro do contexto de mimese da cultura anglófona. Ciente de que não faz parte dos */diferentes/*, leia-se de uma potência europeia moderna, ela, brasileira e vinda de um país em desenvolvimento, se compraz da posição de “repetidor” para fazer-se partícipe de um processo que historicamente fora alijada. Dito de outro modo, o efeito de sentido aponta uma necessidade de repetir a língua inglesa até incorporá-la e fazer parte desse ‘diferente’ corpo e dessa outra borda, tocando o desejo e satisfazendo de maneira imprecisa o fetiche pelo sotaque do outro, daquele que se considera britânico.

É digno de nota que, ao apresentar a noção de */sotaque britânico/*, a autora não se preocupa em pormenorizar as evidentes diferenças que existem nos registros da língua inglesa ao redor da Grã-Bretanha. Todos, portanto, segundo ela, falam */sotaque britânico diferente/*. Em nossa leitura, esse mecanismo de planificação das diferenças nada mais é do que uma operação sobre *estereótipos culturais*. Bhabha (1998) assevera que o estereótipo “[...] é uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença” (BHABHA, 1998, p. 117). Com efeito, uma das representações mais recorrentes no que diz respeito à produção de língua oral em inglês é a do mito do nativo (RAJAGOPALAN, 1997), a qual pode ser visto emergindo nos dizeres do caso B2, conforme segue:

Excerto do caso B2: o que é falar bem e com facilidade?/ é tipo que eu falei aqui com vocês/ eu simplesmente/ mudei/ mudei pro inglês/ comecei a falar em inglês aqui com vocês/ certo?/ quando falei em inglês aqui com vocês/ foi com a pronúncia perfeita?/ não/ era com sotaque igual do nativo?/ não/ a gramática da minha fala foi perfeita?/ eu acho que não/ eu tenho que voltar e ver/ mas eu devo ter feito algum errinho ou outro// com certeza/ algum errinho deve ter saído/ com certeza/ então/ foi com a *world choice*/ com a seleção de palavras igual do nativo/ mas nem (*palavra omitida*)/ então assim/ pronúncia

não é perfeita/ sotaque/ tinha sotaque brasileiro/ deve ter/ deve ter tido algum erro de gramática// que eu falei com certeza/ e a seleção de palavras foi igual do nativo?/ não/ mas isso quer dizer que não era fluente é fala?/não// era fluente/ era/ eu falei bem e com facilidade// /a conversa flui/ de modo/que o cara do outro lado/ o americano está falando com você/ ele nem dá bola se você falou errado/ falou isso/ ele só fala com você como te falando com uma pessoa normal/ ele vai notar que se não é americano/ mas tá de boa/ você fala bem e com facilidade/ então/ isso é fluência em inglês/.

Embora o autor do excerto trabalhe repetidamente com a ideia de não enfatizar a necessidade de mimetizar o dizer de um americano ou britânico, no fio do discurso fica evidente que os efeitos de sentido apontam o contrário. Quando o autor estabelece uma sucessão de perguntas retóricas no intuito de fragmentar a ideia da necessidade de um */inglês perfeito/*, ele assim o faz tendo como tutela a ideia do nativo, que atua como a chancela do uso do inglês como perfeito ou imperfeito. Ora, se as proposições buscam apartar o nativo como o padrão de uso da língua, por que colocá-lo de volta à cena e propor nele o uso */perfeito/*? Vemos em Revuz (2001, p. 227), que “[...] aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro”. Com efeito, no meu intento de me vestir como o outro, eu preciso dele para que ele me diga se o disfarce é convincente ou não. Ademais, dentro das relações fetichistas, o objeto-fetiche é sempre um objeto de amor. Não um amor romântico, mas um amor que entende que o

[...] objeto pode então assumir o lugar da falta, e ser também, como tal, o suporte do amor, mas na medida em que ele não seja, justamente, o ponto onde se agarra o desejo. De certo modo, o desejo aparece aqui como metáfora do amor, mas o que o agarra, a saber, o objeto, este aparece como ilusório, e na medida em que é valorizado como ilusório (LACAN, [1956-1957] 1995, p. 158).

À vista disso, a paixão bovarista brasileira coloca o americano nativo na posição que enoda o desejo de ser o outro, de possuir seus bens – ‘*pronúncia*’, ‘*sotaque*’, ‘*gramática*’, ‘*word choice*’ citados pelo autor – e gozar deles a despeito de */algum errinho/* e */sotaque brasileiro/*. Observa-se que o uso do vocábulo */nativo/* em nenhuma das ocorrências apresenta um adjunto, um predicativo ou um determinativo que o identifique como um *nativo americano*, ou um *nativo de língua inglesa*. Sabemos, pelo fio do discurso, que esse nativo é construído por um mecanismo de oposição. Porque o autor é brasileiro e faz constantes asserções sobre o */sotaque brasileiro/* e o contrapõe ao uso feito por um */americano/* ao final do dizer, é que temos acesso ao efeito de sentido de que */nativo/* é necessariamente um falante de inglês como língua materna, ainda que

nativos sejam todos os sujeitos mergulhados em suas respectivas culturas. Com efeito, vê-se a criação de categorias de pertença, entre um grupo de não-nativos e um de nativos, retomando o mito geral do nativo (RAJAGOPALAN, 1997).

Essa categorização também é uma das estratégias ligadas às maneiras como os *estereótipos culturais* operam dentro do discurso colonial. Segundo Bhabha (1998, p. 105), o estereótipo é “[...] forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. Nesse sentido, as posições de nativo e não-nativo são constantemente reiteradas e fixadas mesmo em discursos que aparentemente buscam fragmentar essa noção, como é o caso visto em B2. Destarte, foi trazido à baila a dimensão da *fluência*, como uma forma de questionar essa dualidade. Contudo, esse mesmo elemento é usado para marcar as posições estereotipadas culturalmente, introduzindo uma segunda dualidade no fio do discurso do autor: normal e anormal. No dizer dele, seria a fluência em inglês que garantiria a possibilidade de um americano conversar com um brasileiro considerando este último *normal*. Se a metáfora do estereótipo opera justamente pelas oposições, ao termos um *normal*, teríamos também um *anormal* que se opõe ao primeiro marcado no discurso pela inabilidade de falar com(o) um americano. Portanto, mais uma vez, é na fala – *conversar com* – que se deposita a validade de estar inscrito na língua estrangeira e fazer dela objeto de morada e desejo. É a fala que assevera a possibilidade de ser reconhecido como alguém que rompeu a interdição da língua materna e se aventurou no espaço do outro, mas que tem nesse mesmo outro a chancela da normalidade/anormalidade.

Este ponto é, sem dúvida, uma das tônicas do ensino de língua inglesa. A chancela do nativo americano/britânico produz distorções de ordem subjetiva, a ponto de o sujeito – aqui, os brasileiros – estar em constante súplica pela aprovação e amparo de alguém que parece nunca os prover a contento. Bhabha (1998) sentencia que

[o] objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante), estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma “nação sujeita”, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade (BHABHA, 1998, p. 111).

Vemos o desdobramento desse discurso colonial em formas de dominação. Há uma necessidade premente de que todos precisam aprender a língua inglesa para não só se comunicar com eles, como fazer transações comerciais, operar de moedas estrangeiras, acessar produtos culturais de massa – filmes, músicas e séries –, recebe-los em nosso país falando a língua deles, entre tantas outras coisas. Bem verdade que no caso dos Estados Unidos e da Inglaterra, o Brasil não se apresentou como colônia direta. Entretanto, resquícios do mundo colonial tributários da metáfora de “países de primeiro mundo” e “países em desenvolvimento” espelham esse discurso, colocando as ex-colônias sempre na condição de subalternidade. E é esse mesmo discurso colonial que sustenta certas posições do sujeito do “primeiro mundo” com relação ao “sujeito do terceiro mundo” sempre em relação de assimetria, reproduzindo desigualdades. Inclusive, dizeres e atitudes de aparência absolutamente elogiosa são, em realidade, rastros do discurso colonial atualizados em diferentes significantes linguísticos.

No excerto pertencente ao C3, vê-se como essa metáfora é colocada em rota por um americano que, em princípio, parece elogiar o sotaque de brasileiros que se dispõem a falar inglês – a língua ‘dele’ – e visitar os Estados Unidos – o país igualmente ‘dele’. Sob o título sugestivo de “Você nunca perderá seu sotaque”, temos os dizeres:

Excerto do caso C3: /Amigos/ isso se chama um sotaque/ cada 30 50 palavras/ acontece rápido dentro de uma conversa/ e o nativo vai perceber/ aqui é algo um pouco diferente/ na fala/ tudo bem/ mas aqui vem as notícias boas/ *good News*/ meus amigos brasileiros/ vocês têm um sotaque maravilhoso/ muito muito bonito/ quando falar inglês/ é mesmo/ por causa de inglês americano ser tão uniforme/ então homogêneo/ não tem variação/ cada estrangeiro que vem para o meu país/ vai ter esse sotaque também// claro que vai variar/ depende da língua materna dele/ e tem aqueles sotaques que para perceber instantaneamente// *right off the bat*/ de onde essa pessoa é/ quando falar o inglês/ japonês/ *oh/ yes/ ah/ thank you very much*/ o sotaque mexicano/ todo mundo conhece aqui nos estados unidos/ italianos/ [*sons inaudíveis*]/ francês também/ sou péssimo nas imitações/ mas vocês conhecem esse jeitos daquelas pessoas quando elas falam em português// não é?// mas tem outros países de origem// onde não dá para perceber// não tem aquelas preconceitos quando falar com o sotaque// quando falar no inglês/ brasileiro é um exemplo muito bom disso/ soa exótico// um pouquinho fofo// até romântico// muito agradável// [...] // sei lá// talvez para nós americanos// soa com uma mistura de tantas línguas/ soa algo tão exótico// tão lindo/.

O discurso colonial, segundo Bhabha (1998, p. 111), é um aparato que se apoia, a um só tempo, no reconhecimento e no repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. “Sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para ‘povos sujeitos’

através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer”. À vista disso, quando o autor do excerto sentencia que o inglês dos Estados Unidos é */uniforme/* e */homogêneo/*, ele lubrifica a engrenagem da estratégia de assimetria entre os povos, de tal forma que eles, os americanos homogêneos e sem variação, possam ser dignos de admiração e respeito e, bem por isso, reconhecidos como símbolos de produção de bens culturais e materiais que só podem ser comparáveis se submetidos a chancela deles próprios. Além disso, no fio do discurso, quando ele compara as pronúncias de povos como os japoneses, mexicanos, franceses com a forma de americana falar, em realidade, ele cria um parâmetro estanque, em que o inglês americano é o centro e as demais línguas orbitam ao seu redor. Portanto, as formas de conhecimentos serão produzidas a partir dessa gravitação tomada sempre como justa e digna, sustentada justamente pela metáfora da supremacia e homogeneidade.

Com efeito, será mais uma vez na forma de produzir a língua oral em inglês que essas operações serão levadas a cabo. Não por acaso, esse autor do excerto C3 se coloque na posição de alguém que modela as formas de falar e pronunciar a língua inglesa, reforçando o mito do nativo e sendo reiterado por aqueles brasileiros que o escutam e buscam nele a chancela tão premente no discurso colonial. Assim, ao longo de todo esse manuscrito, apontamos as possíveis relações que se pode estabelecer entre as línguas estrangeiras – leia-se o inglês – e a dimensão do fetiche da psicanálise. Contudo, ao analisar casos como os evidenciados pelo excerto C3, vemos que às expensas do fetichismo deve ser acrescentado um outro elemento: o estereótipo cultural. Bhabha (1998), coloca, inclusive os dois elementos em estreita conexão ao asseverar que

[o] o fetiche ou o estereótipo dá acesso a uma “identidade” baseada tanto na dominação e no prazer [...] isto porque a cena do fetichismo é também a cena da reativação e repetição da fantasia primária – o desejo do sujeito por uma origem pura que sempre é ameaçada por sua divisão, pois o sujeito deve ser dotado de gênero para ser engendrado, para ser falado (BHABHA, 1998, p. 116-117).

Nesse sentido, o fetiche aludido a partir do sotaque e da pronúncia em inglês se espalha para as categorias de representação cultural – via estereótipos culturais – motivados por aquilo que os coloca na posição de objeto: o desejo. O desejo em ser um pouco o outro, o desejo em gozar dos bens do outro, o desejo por tocar no objeto-fetiche que é tanto realização quanto frustração do desejo, em particular o “desejo perverso”

(LACAN, [1956-1957] 1995, p. 167) tramado nos fios do fetiche. Vemos com Safatle (2017) que em psicanálise, especialmente na ótica lacaniana, o desejo é uma forma muito particular de estrutura. Ele deseja desejos. Dito de outro modo, o desejo do sujeito é ser o desejo do outro; estar no desejo do outro. Vimos como a ótica bovarista coloca o sujeito na relação com o outro-colonial. Assim, o sujeito subalterno, que se vê às voltas com seu desejo e sua vontade de tornar-se um outro, deseja estar no desejo deste ‘outro’ de qualquer forma. E para tanto, aceita qualquer lugar nesse desejo, inclusive na posição de */exótico/*, */fofo/* e */romântico/*, o que, ao nosso ver, poderia parecer uma atitude absolutamente elogiosa, mas que se configura como mais uma camada da relação fetichista que não somente os brasileiros detêm com os americanos, mas, sobretudo, da relação que os americanos têm com os brasileiros e suas possibilidades de gozar da terra, dos frutos e das fontes. Basta ver o interesse pela natureza, festividades, culinária e manifestações culturais. Aos olhos deles, de fato tudo isso deve ser mesmo */maravilhoso/ muito muito bonito/*.

5 Alguns alinhavos

As formas de produzir a língua oral em inglês despertam interesse fundamental em quem se dispõe a ensinar e aprender esta língua. Em nossa leitura, não compreendemos esse entusiasmo como uma manifestação ingênua do sujeito que se lança na empreitada de se inscrever na língua do outro. Vimos como o apreço pela pronúncia considerada americana e/ou britânica apresenta um funcionamento psíquico muito mais profundo, estando ligado com a dimensão do desejo do sujeito. À vista disso, o sujeito pode colocar a pronúncia dita ‘perfeita’ em inglês na posição de um objeto-fetiche, em que a língua inglesa viria a ocupar o lugar de objeto-desejo. Não fortuitamente fizemos essa disposição. Vemos como essa operação subjetiva encontra eco numa constituição muito particular do brasileiro – ex-colono de potência europeia – em relação aos países que falam inglês como língua materna.

Vê-se, com frequência flagrante, nos brasileiros a paixão bovarista de querer ser um pouco um outro, gozar de outros bens e pertencer a um outro *pater* ao menos por instantes. Para alçar a esta dimensão, reiteradamente lança-se mão do inglês como a forma de colocar no objeto-desejo a possibilidade de consumir a relação com o objeto-fetiche,

sempre encoberto pelo véu do desejo. Desejo bovarista, desejo perverso, desejo por desejos. Desejo.

Nos colocamos, de início, duas perguntas de pesquisa sobre *as representações* a respeito de pronúncia/sotaque e como elas se desdobravam ou não no ensino-aprendizagem de inglês, a partir dos casos analisados. Malgrado o espaço curto, cremos ter podido discutir a contento, sem chance de esgotar, as possibilidades levantadas pelas perguntas. O material analisado se mostrou prenhe de representações e estas podem alterar significativamente a forma como os sujeitos não só veem a língua inglesa, como também desejam estar inscritos e pertencentes a esta língua. Língua-objeto, língua-fetichismo, língua-amor. Para encerrar, ao menos por ora, a discussão, destacaremos em Freud o alinhavo final sobre a língua inglesa estar, para muitos, na posição de objeto-fetichismo:

[q]uando o objeto de torna uma fonte de sensações prazerosas, estabelece-se uma tendência motriz que, trazendo-o para mais perto, procura incorporá-lo ao Eu; falamos então da “atração exercida” pelo objeto que proporciona prazer e dizemos, portanto, que “amamos” esse objeto (FREUD, [1905] 2017, p. 57).

Referências

BERTOLDO, Ernesto Sergio. O contato-confronto com uma língua estrangeira: a subjetividade do sujeito bilíngue. In: CORACINI, M. J., (Org.). **Identidade e Discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 83-118.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CORACINI, Maria José. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. (Orgs.). **Identidade e discurso**. Campinas: Argus e Editora da Unicamp, 2003. p. 139-159.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, Maria José. Entre a memória e o esquecimento. Fragmentos de uma história de vida. IN: CORACINI, Maria José; GHIRALDELO, Claudete. (orgs.). **Nas malhas do discurso**: memória, imaginário e subjetividade – formação de professores (língua materna e estrangeiras), leitura e escrita. Campinas: Pontes Editora, 2011.

FREUD, Sigmund. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade,

análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1914). **Recordar, repetir e elaborar**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”, 1911). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1915). **Os instintos e seus destinos**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **A pulsão e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund (1920). **Além do princípio do prazer**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia das massas e análise do eu**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Bovarismo brasileiro**. São Paulo: Boitempo, 2018.

LACAN, Jacques (1956-1957). **O Seminário, Livro 4**: A relação de objeto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

MIZUBAYASHI, Akira. **Une langue venue d’ailleurs**. Paris: Gallimard, 2010.

MOITA LOPES, Luís Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. (Orgs.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.

MORAES, Maria Rita Salzano. **Língua, Tradução e Psicanálise**. In: COSTA, Walter (org.). **Psicanálise entre línguas**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016, p. 27-37.

PRASSE, Jutta. O desejo das línguas estrangeiras. **Revista Internacional**, Rio de Janeiro, n. 1, Companhia de Freud Editora, p. 63-73, 1997.

RAJAGOPALAN, K. Linguistics and the myth of nativity: comments on the controversy over “new/non-native Englishes”. **Journal of Pragmatics**, v. 27, p. 225-231, 1997.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. (Orgs.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 149-168.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. (Org.) **Língua(gem) e identidade**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. p. 213-230.

SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

Recebido em: 12 de julho de 2021

Aceito em: 20 de outubro de 2021

Publicado em novembro de 2021